

Malanje

A guerra mudou as mentalidades

QUE loucura sem fim vai dos nossos dias até aos confins de «os cristãos tinham tudo em comum!»
Ainda — não há muito tempo — estas sanzalas nos davam uma certa imagem.

Como era reconfortante ver a união, harmonia e ajuda mútua entre todos... Sentir as raízes profundas que uniam as famílias! Os laços fortes entre toda a comunidade quando o soba pontificava e transmitia os dizeres à sombra das mulambeiras!

Longe vai o tempo... Também, aqui e agora, a guerra mudou as mentalidades. Em vez de ajuda mútua, é uma corrida ao «ter» — mesmo até atropelando a justiça.

Apesar de tudo, ainda há exemplos maravilhosos de vivência cristã:

— Tantos filhos?!
— Bem, dez são filhos dum meu irmão «que foi morto». Como sou o mais velho, agora, ficaram meus filhos.

Vejo no dia-a-dia que não há qualquer distinção. São todos filhos.

Papagaios de papel

DOMINGO, seis de Março, no céu da nossa Aldeia dez papagaios

feitos de plástico muito fino com seus rabinhos às cores!

Deleitado, fiquei a vê-los: sobem, descem, vacilam... Os condutores, atentos e felizes, avançam ou recuam. Um encanto!

Lembrei o banqueiro do filme que abandonou os milhares e os centavos quando descobriu e se deixou possuir pela alegria dum filho com seu papagaio de papel. Ele próprio construiu o seu! E ei-los, pai e filho, sorridentes e de olhos fixos no céu.

Depois o pensamento:
Tantas crianças no mundo, a esta hora, presas aos televisores e tão longe da alegria dum papagaio de papel...

No próximo domingo haverá concurso com três ricos prémios.

Ajuda ao povo para que produza alimentos

TOMAMOS conta da nossa Carianga. Fazenda que nos foi dada pela dona, já velhinha, e que nos abrigou quando a nossa Aldeia foi nacionalizada. Terra de ninguém, durante a guerra ficou selva. Somente um carreiro aberto até ao rio. Por ele nos metemos e todos pisámos uma mina escondida, que só não matou porque a água das chuvas lhe meteu dentro areia e não explodiu.

Estamos fazendo no vale, à beira-rio, uma experiência de dez hectares de milho para semente. Cada grão, uma espiga com dezenas de sementes! A Old-Vison e a União Europeia estão apoiando este projecto.

Nós, felizes, pela oportunidade de ajuda ao Povo — para que produza alimentos que lhe bastem. Mão estendida não é bom, mata a iniciativa e produz tristeza. Basta, Povo angolano! Com a paz e o trabalho, esta terra pródiga dará tudo!

Um obrigado aos que nos ajudaram e um ponto final para os ladrões do Povo. Assim seja!

Os que não têm voz

A VOZ — dom maravilhoso — é a fonte que nos leva aos Outros; e expressão clara da nossa personalidade e liberdade. Sem ela ficamos na nossa margem, que pode ser um mundo sumido e sem graça.

Nalguns povos ela é, somente, propriedade de grupos dominantes. Sem ecos nem barreiras a voz dá-lhes acesso fácil a todas as fontes de riqueza.

Os que não a têm ficam cada vez mais pobres nas suas margens inóspitas, onde a única tábuca de salvação são os pauzinhos de mandioca espetados nas mibangas magras.

Continua na página 4

Delinquência juvenil

EU remeto os Leitores d'O GAIATO para *Uma carta* publicada na última edição, no fim da página 3. A quem, porventura, tenha passado ligeiramente sobre ela, vale a pena relê-la e meditá-la. É de alguém que, talvez não conhecendo formalmente a definição de Pai Américo — «Técnico é aquele que ama» — todavia a intuiu do contexto, em contraste com as leituras do que a Comunicação Social mundana oferece. A carta refere directamente a nulidade de valores com que o mundo pretende preencher vazios; mas aquela «falta do essencial e simples que é *olhar e ver* com o coração» que denuncia, abre o pensamento a horizontes mais largos onde vidas (multidão de vidas!) nomeadamente de crianças e jovens, definham e se degradam pela ausência do «essencial e simples» que é o amor. O amor que não é mera postura intelectual perante problemas que a sociedade põe irrecusavelmente a determinados profissionais e aos responsáveis da *res publica*, nem sentimentalismo oco de senso comum a que a inteligência não preside nem controla. Amor é vida. No centro dela estão o cérebro e o coração, organicamente cooperantes para que a harmonia seja, e seja possível o bem-estar global. Nem coração sem cabeça, nem cabeça sem coração. E é o que mais vemos na praça pública onde demagogicamente se fala na defesa dos fracos e estes se afundam cada vez mais.

Há dias, sem contar, assisti a uma *mesa redonda* sobre a delinquência juvenil. Conversa fiada para encher tempo de antena, tirando a intervenção de uma mãe, saída das entranhas da maternidade onde o amor é mesmo, e o bom senso de um jovem pedo-psiquiatra que pôs o acento na prevenção, quanto mais cedo melhor. Estava a ouvi-lo e a lembrar Pai Américo:

«— Quem é aquele homem hediondo, terrível, que vamos encontrar numa prisão?

— É um que em pequenino não foi amado.»

Continua na página 4

Calvário

O João é um poema vivo!

VOLTO a ele. Mas vale a pena que o João é um poema vivo!

De vez em quando, este menino-grande vem ter comigo e com voz meiga segreda-me que vai passar quinze dias com familiares.

— *Quinze dias!* — repete, mas só com dois dedos no ar.

O João não tem noção do tempo nem dos dias. Um momento de alegria, de amizade, uma tarde de convívio com amigos são para ele uma eternidade.

Com o João tenho tentado evadir-me e entrar no mundo onde o relógio não pontifica; contudo não é fácil.

O tempo contado é uma invenção dos homens que vivem neste planeta. O próprio instrumento de medição do tempo, que trazemos no pulso esquerdo, o calendário mais a agenda impõem à vida um ritmo que nos escraviza.

Sair do tempo é uma libertação interior. Não esqueçamos as horas nos encontros com os amigos, no trabalho realizado por prazer, nas ocupações gratificantes? Nessas alturas parece que o relógio pára e ao acordarmos vimos dum mundo de paz!

Saber viver não é fácil. Saborear a vida também não é hábito corrente, porque é um dom que nem todos acolhem.



Mas este é deposto em nós para que o façamos render. Este dom tem na Escritura um nome: Sabedoria.

O próprio Espírito de Deus o possui e o dá a provar a quem d'Ele tem fome.

Saborear, pois, à luz do Espírito de Deus, o mundo, as coisas, a vida humana, dá um encantamento sobre tudo o que nos rodeia, sobre tudo o que a vida nos vai oferecendo ao longo dos dias. E então aquela é mais fácil e agradável.

Tenho conhecido muitos doentes, aqui no Calvário, cheios de sabedoria, para quem até as próprias contrariedades têm um valor de purificação necessária ao encontro de novos caminhos, de outros modos de encarar o viver.

Serenos e agora em segurança tudo lhes parece bem porque melhor do que em suas anteriores residências. Disponíveis e prontos nunca se cansam e raramente se queixam; sorriem sempre e com tudo se regalam.

É um encanto ver a Fátima dar de comer à Anita, de seis anos, deitada permanentemente no leito. Depois de longa meia hora a depor a comida passada na boca pouco aberta da enferma, exclama:

— *Ela já come depressa!*

O tempo é factor ignorado, aqui, em nossa Casa. Outros valores se sobrepõem:

— *Eu gosto de lhe dar de comer!* — acrescenta.

Seria normal que a Fátima se aborresse com a longa demora da refeição e com a rotina da mesma, mas não:

— *Eu gosto de lhe dar de comer!*

Saborear a vida é um dom. Com ele na mão tudo se transforma na vida.

Padre Baptista

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MATRIMÓNIO — Como outros ao longo do século, ele e ela desceram as montanhas durienses até aos limites do Porto para conseguirem trabalho e o mínimo de subsistência.

Curiosamente, migraram duma região marcada por Eça de Queiroz in *A Cidade e as Serras*, na qual os olhos se extasiavam com a beleza da Criação.

Ambos se conheceram muito jovens, tendo o amor humano superado os próprios elos familiares. «*Só casámos pelo Civil...!*» — afirma ela com discrição, com receio das bocas do mundo. Entretanto, porém, sem pressões, respeitando a liberdade dos filhos de Deus, expressam inequivocamente o desejo de casar religiosamente — após um prolongado noivado que, sem heresia, reforçou o amor um do outro!

O Pároco atendeu o voto dos nubentes. Marca a data da cerimónia. E tudo se prepara com dignidade, com simplicidade. Um acto solene no qual os dois, ele e ela, foram ministros do *Grande Sacramento*, realizado na «*vetusta igreja paroquial, jóia de arte medieval que evoca a história de quarenta gerações — e o convento anexo. Só se vêem de perto porque se escondem no fundo dum estreito vale. Aquece-os a memória de Egas Moniz, proto-herói e símbolo da lealdade portuguesa*». O Padre José Monteiro de Aguiar, irmão de Pai Américo, assim descreve esse monumento nacional.

Numa sala do antigo mosteiro beneditino foi depois servida uma merenda preparada por quem serve os Pobres. E, nessa hora divina, resplandeceram de alegria a face e os olhos dos nubentes e dos próprios convidados.

PARTILHA — Só três presenças. Dá a impressão de que os devotos da *procissão* se atrasaram. Mas não. É uma situação pontual. Aliás, os Leitores sabem que damos a mão a Pobres sem terem quê para acender a lareira. Mais: sem poderem ir à farmácia por remédios, seja para amenizar ou para curar os seus próprios males. Ainda hoje, logo de manhãzinha, bate à porta um deles, aflito!, perorando ajuda para um medicamento urgente.

Recebemos 4.530\$00 duma excursão da freguesia de Bom Sucesso, Aveiro, «*para os vossos Pobres*». O possessivo enche a nossa alma!

Cá mais para cima, Senhora da Hora, cheque de quinze mil escudos da assinante 57002:

«*O meu pequeno contributo, do mês de Abril, para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Poderão distribuí-lo como melhor entenderem. É uma pequena migalha para acudirem a uma necessidade urgente.*»

Porto, assinante 14493: «*Peço desculpa da demora que teve base em percalços de saúde e, sobretudo, muita angústia. Deus manda andar, mesmo que chova. É a contribuição do mês de Abril para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Com toda a amizade por todos e a 'lufada' de ar puro que respiro d'O GAIATO (que leio inteirinho), até ao próximo mês, se Deus quiser.*»

Muitas gotas produzem um ribeiro. Muitos ribeiros, um rio. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CHUVA — Eram tempos alegres, de Primavera. Agora chegou a chuva. «*Abril — águas mil*»...

Ela tem dado crescimento aos seres vivos e destruído algo noutros locais.

Aqui, para nós, traz alegria à nossa Casa, aos nossos campos que estão com bom aspecto, até o pasto dos animais.

FRUTA — As árvores estão já com frutos verdes. E que honitos eles estão!

Há fruta verde no chão. Será por causa do vento e da chuva. Mas, se quisermos comer fruta é melhor deixá-la crescer e amadurecer...

FUGITIVOS — Há dois, que estão por aqui perto. Um deles foi visto por alguns, mas decidi voltar porque senti que não é nada bom andar por lá sem abrigo e sem nada para encher o estômago. Esperamos que o outro também decida regressar.

Rui

Crónica do Lar do Porto

DIFICULDADE DE ESCOLHA — Um momento-chave da nossa vida é, sem dúvida, quando somos estudantes. É nessa altura que começamos a desenvolver todas as capacidades, quer físicas quer intelectuais. E, também, altura de decisões, de escolhas de caminhos que definirão o nosso futuro.

Contudo, essas decisões nem sempre são proveitosas porque diversas vezes baseiam-se no facto de determinada profissão dar mais dinheiro. Ora isso não está correcto porque o resultado é estar-se sempre de mau humor, em condições de trabalho. E isto porquê? Porque na devida altura não se pensou no que se gosta, mas sim no «vil metal».

Quero pois com isto dizer a todos os meus colegas estudantes, que escolham, sim, mas com a cabeça e com o coração. Porém, se acharem que isto é tudo uma treta, pergunto: — Que adianta termos muito dinheiro se não somos felizes?...

Daniel («Cenoura»)

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTROS — Os próximos estão marcados para 25 de Maio e 29 de Junho, respectivamente na Tocha (Instalações do Hospital Rovisco Pais) e em nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Escusado será dizer que se para o primeiro já sabemos com quem contamos, por ter sido necessário recolher dados, para o segundo esperamos que as presenças sejam em grande número.

No entanto, quem quiser aparecer na Tocha poderá ser de livre vontade e lá conversaremos quanto ao resto. Mas,

atenção!, para este encontro cada um terá de levar o seu farnel, como já informámos e fá-lo-emos ainda por carta, mas também poderão adquirir o que quiserem numa feira semanal que se realiza todos os domingos naquela localidade, onde se vende de tudo.

Dispostos de assadores no local da reunião e ofereçeremos o carvão para o efeito, a quem quiser, se necessário, evitando mais trabalho, em casa, às mulheres.

A concentração será junto daquele complexo até às 11 horas do dia marcado. Depois, seguiremos para o local próximo, onde trataremos do almoço e nos divertiremos. Para isso aconselhamos que leves equipamento desportivo e de banho, sendo o resto de nossa responsabilidade. Esperamos que seja um dia bem passado.

Para quem não conheça: vindo da Figueira da Foz, sigam na estrada para Aveiro. De Coimbra, apanhem a via para a Figueira ou Cantanhede. Que ninguém se perca no caminho...

Por sugestão da Rádio Renascença, e sobre uma emissão de selos para 1998, apresentámos aos Correios de Portugal a proposta dum selo alusivo a Pai Américo, que faz 110 anos de nascimento. Os CTT já acusaram a recepção. Acharam válida a ideia e ficaram de juntar a outras, para o efeito.

Aguardamos também resposta da Câmara Municipal de Coimbra para a falada Exposição sobre Pai Américo e sua Obra, em Outubro.

Manuel dos Santos Machado

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Antes da Páscoa fomos levar amêndoas e mercearia aos amigos mais carenciados. Em casa do senhor Augusto (que não tem uma perna) ficámos tristes e admirados pela triste notícia da sua morte, já há algum tempo. Foi tudo muito rápido, viveu pouco mais de um ano depois da esposa ter falecido.

Temos de dar conta de que não possuímos cidade permanente, na terra.

Por isso, temos de procurar, com os mais vivos desejos, a cidade do Céu, a morada que Jesus nos reservou na Casa do Pai Celeste.

Jesus deseja a nossa companhia. Somos o preço do Seu sangue, os troféus da sua conquista; e deseja ver-nos sentados com Ele à sua própria mesa. Ele quer que estejamos aonde Ele está. É o amigo fiel que reclama a presença dos seus amigos, a fim de participarem na sua própria felicidade. Jesus deseja ardentemente ver-nos com Ele no Céu.

RECEBEMOS — Silva, de Setúbal, 2.000\$00. Almeida d'Eça, do Porto, 20.000\$00. J. R. D., 2.000\$00. Mais 2.000\$000 do amigo Medeiros,

de Braga, A. S. R., 5.000\$00. Anónimo, do Porto, 20.000\$00.

Amigo da Alemanha, 200 marcos, mais 150 e um lindo postal de Páscoa feliz. Carta duma amiga que pede anonimato e envia 10.000\$00: «*São as minhas amêndoas da Páscoa. Serão para ajudar a resolver uma situação difícil que tenhais de enfrentar. Que Deus vos dê coragem e vos ajude. Para todos, votos de Santa Páscoa em Jesus Ressuscitado*».

Bem haja a todos e Deus lhes pague.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV n.º 682, 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril: 70.600 exemplares.

ENCONTROS em Lisboa

Relações familiares

NO conjunto das relações familiares existe um tipo de relação que tenho sempre alguma dificuldade em definir; mas, creio que todos os que tiveram o privilégio de viver essa relação, sentem a saudade como se se tratasse de algo muito belo. Refiro-me à relação netos-avós e avós-netos.

Esta relação parece-me funcionar na área do gratuito, das complicações, dos misteriosos segredos que ninguém consegue desvendar, do acolhimento protecção, da paciente espera dos frutos futuros, do perdão para além de todas as medidas, do olhar compreensivo, sem recriminações, da ansia jubilosa para ajudar, sem dependências ou contas a ajustar. Sempre me pareceu uma relação afectivamente muito gratificante, sem ter que pagar tributo à autoridade capaz de estruturar o comportamento de alguém.

Muitos livros referem os encantos da relação avós-netos. Fica uma curiosidade: as histórias têm todas como protagonistas os avós cheios de paciência e bondade face aos netos ainda crianças. As referências a relações entre avós e adolescentes escasseiam ou não existem. É bom perguntarmo-nos porquê.

Deduzo algumas razões dessa ausência, a começar pelo avanço da idade dos avós e possivelmente o seu desaparecimento. Mas a grande razão é que, a partir da entrada na adolescência, os avós deixam de ser ponto de referência significativo em termos de desenvolvimento da personalidade. Facilmente se percebe isso. Os avós, devido à idade e às doenças, iniciaram o processo de degenerescência incapaz de acompanhar o processo de desenvolvimento rápido, emotivo e tenso dos jovens netos adolescentes. O melhor é não estragar uma referência afectiva forte, mas que se torna incapaz de acompanhar o processo de maturação.

Estou em crer que ainda hoje os avós constituem, dentro das dinâmicas afectivas das famílias, um ponto de referência para as crianças. Gostaria que fosse maior ainda, percebendo que a dinâmica da vida urbana se encaminha quase para crianças privadas desta ligação que faz a ponte com o passado, com raízes. Aqui também a minha admiração pelos avós que estão perto de seus netos enquanto os pais vão trabalhar. Porém, coloquemos as coisas no seu lugar. Se é verdade que muitas crianças devem o equilíbrio da sua vida afectiva aos avós, também é verdade que não podemos atirar para cima dos avós a responsabilidade da educação e acompanhamento dos netos na adolescência. Sobretudo, não podemos responsabilizá-los face ao falhanço educativo, paterno ou materno. A grande maioria não reúne as condições necessárias para o fazer e é desumano fazer estes avós enfrentarem o fracasso dos seus netos. Podem crer que tenho aqui bastantes rapazes que me foram confiados pelos avós e todo me regala de ver os miúdos a encontrarem-se com os avós. Assim está correcto e os avós podem encantar os seus netos sem o ónus de diariamente velarem pela sua educação. Por vezes dizem «já não lhe tínhamos mão».

Fiquei surpreendido ao ver, num diário de grande divulgação e responsabilidade, uma Senhora responsável por uma grande organização ou associação que se dedica ao encaminhamento de crianças privadas de meio familiar normal, produzir afirmações deste género: «Privilegia-se a integração familiar em detrimento da entrada de menores a instituições. É uma norma das sociedades modernas». Até aqui tudo correcto. Vamos à modernidade. Continua com uma verdade de La Palisse: «Apesar das derrapagens, a família, quando funciona, é considerada essencial para o desenvolvimento harmonioso da criança». Quem diria o contrário? Não é verdade que, desde sempre, a família foi o meio normal e natural de desenvolvimento da pessoa humana? Não é verdade que todas as instituições, se querem ser humanas,

RETALHOS DE VIDA

Serafim

Eu sou o Serafim dos Anjos. Não conheço o meu pai nem a minha mãe. Perdi-me na rua... Não sei quando nem onde nasci, tampouco o meu nome...!

Estava na rua e, como não tinha nada para comer, roubava os supermercados.

Dormia ao relento ou à entrada dum prédio e, durante a noite, uma senhora tapava-me com cobertores.

Passado um tempo, outra senhora perguntou se eu queria ir para uma casa. Disse logo que sim. Foi então para o COAS, em Lisboa; e, depois, para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa — onde estou muito contente.



Serafim

Crónica de viagem a África

NO aeroporto de Luanda, entre dezenas de pequenos e grandes aviões de muitas nacionalidades, encontrava-se um com o nome de Portugal.

É sempre agradável sentir a presença da Pátria, mas em Angola e Moçambique, nações onde toda a vida foi, até há duas décadas, entrelaçada com a alma portuguesa, ver o nome do nosso País escrito em qualquer parte é emocionante. É natural.

Deus queira que não aconteça à nossa companhia aérea o mesmo que sucedeu às marítimas: tudo desapareceu!

A gigantesca aeronave da TAP, com um terço da sua capacidade ocupado, levou-me a Maputo onde havia estado em 1990. É notória a diferença para melhor, quer do aeroporto quer da cidade. O Padre José Maria e o José Alberto esperavam-me cheios de alegria e com os braços abertos.

Um carro impecavelmente limpo deu-me a deliciosa sensação de terra civilizada.

Vim a saber depois que é tarefa habitual de um dos seis guardas nocturnos, lavar os veículos da Casa durante a vigília.

Visitámos uma residência de Missionários na Cidade, apoio indispensável do Padre José Maria. Consolei-me com a fraternidade e o carinho que lhe dispensavam. Como é bom e agradável ver os irmãos unidos!... — canta o salmista e experimentei-o eu, mais uma vez.

Maputo é uma Cidade diferente daquela que vi, há sete anos. Quase todas as lojas

estão recuperadas e a vida económica e social vai melhorando. Quase quarenta quilómetros é a distância que separa a Cidade da nossa Aldeia, no Umbeluzi, fornecida de uma boa estrada sem buracos! Matola, Boane, Umbeluzi são povoações obrigatórias no trajecto, onde são franqueadas a pobreza e a desgraça das populações, mas onde se verifica também alguns melhoramentos.

A nossa Aldeia é um surpreendente milagre. Como senti a forte presença de Deus! A Sua mão providencial, a Sua força poderosa no meio de tanta penúria!...

A Aldeia está praticamente pronta. Como tudo surgiu do nada?!... Como foi possível em tão pouco tempo e com tão reduzidos recursos?!... Instalada numa encosta rochosa e em círculo, com as casas em socacos, ficou com uma vista magnífica de horizontes largos, parecendo um esplêndido complexo turístico!

Em baixo ficam as instalações agro-pecuárias a mais de quinhentos metros da Aldeia. Espaçosas mas pouco evoluídas tecnicamente. Com galinhas, patos, coelhos, porcos, cabras e vacas. Um viveiro de carne, leite e ovos para afugentar a fome e trazer alegria.

Como foi possível fazer pedreiros e incutir o entusiasmo pela vida no meio de gente sem hábitos de trabalho e tão ignorante?!

E a verdade é que os homens trabalham com entusiasmo e satisfação. Como os

observei vários dias sem a presença do Padre José Maria, perguntei se andavam de empreitada. — Que não — disse-me ele. — É à jorna.

A actividade do Padre José Maria e dos outros Padres da Rua é uma acção verdadeiramente apostólica que se não limita à Catequese e à celebração da Fé na oração e nos sacramentos.

Em três grandes aldeias ele criou postos médicos para acudir às doenças mais constantes como a malária e a diarreia, escolas com trezentos alunos, pequenas empresas para a fabricação de blocos de cimento, carpintarias, uma padaria, sala de costura e também espaços para o Culto e a Catequese. A cooperação espanhola deu-lhe oitenta casas para as aldeias. Como é lindo ver as

equipas de cinco homens a amassar à mão, a rebocar e a levantar uma casa em vinte dias!

Fazer gente em primeiro lugar e, com gente, fazer a Igreja!

As casas têm uma sala, uma cozinha e dois quartos. Com duas águas cobertas de zinco, são um mimo naquele ambiente, pois as outras são de adobes de terra ou paredes de capim em redondo. Que aconchego! Quartos com janelas e uma casa com porta de madeira e chão cimentado!

À volta das casas as pessoas plantam bardos de verdura e criam assim a sua privacidade com um pouco mais de largueza. É lá que instalam uma tampa de latrina, em cimento, assente sobre um buraco cavado na terra para as necessidades da família.

Claro, que um Padre assim não tem um minuto seu. Às vezes nem para rezar! Mas leva uma vida cheia de Deus! Toda a gente lhe bate à porta e a porta do Padre está sempre aberta para o bem e para acudir às maiores aflições.

Padre Acillo

PASSO A PASSO

A Cruz

TENHO à minha frente um cruceiro que, no dia de ontem, um grupo de escuteiros que nos visitara, fez e deixou. Dois paus toscos em cruz e fios de corda entrançados procurando dar ao conjunto forma humana, amarrados àqueles por outros fios do mesmo material. O «Pio-lho» quando hoje o viu, disse logo ser Jesus que ali estava representado. Eu concordo. O autor também. Mas...

Os meus olhos fixaram-se principalmente nas amarras que O prendem à cruz — não são materiais estranhos, como são a corda para a madeira, mas do mesmo material, corda.

É, a cruz é estranha a Jesus; mas quem O amarrou não lhe é estranho! A cruz é estranha ao ser humano; mas quem a amarra, não!

Ainda assim, preso por todos os membros, fica com a cabeça livre, como que contemplando todo o corpo. Dor maior? Talvez sim, mas certamente confiança acrescida pois todas aquelas amarras foram desejadas

para que tudo se consumisse.

Para O tirar da cruz, já morto, foi necessário cortar as amarras que O prendem. Também já não são necessárias, a sua força já nada alcança.

Corpo caído, sem vida; as amarras abertas, sem utilidade; paus em cruz, sem sentido.

Agora começa a fé. Os Seus discípulos vieram anunciar que Aquele que estava morto, agora vive. Num agora sem fim...

No entanto, os que assim acreditam, estão ainda amarrados, cabeça solta contemplando os acontecimentos e sinais, esperando a consumação. Consciência livre, vontade livre, entrega livre. Sorrindo sempre com o coração que o rosto está tantas vezes desfigurado.

Ao lado, tenho uma Pietá de um retábulo de terra de Santa Cruz. O fundo é azul. As flores, naturais, estão presentes, em tons de rosa e de branco.

Mais à frente, uma pequena tela pintada traçando perfil de rosto feminino. Olhar com objectivo bem definido, esboçando sorriso. É a primeira testemunha do Ressuscitado.

Só pode desejar a Páscoa quem viveu a Quaresma, a Cruz e a Paixão. Doutrina, a Páscoa não é desejada nem pode existir.

Padre Manuel Cristóvão

Padre Júlio

DOCTRINA



Calar é consentir

NA minha ida e regresso das Caldas do Gerês, viram os meus olhos cansados e o meu coração dorido, real e triste progresso na fauna mendicante e nova modalidade que dantes se não conhecia: a Criança a mendigar! São garotos de tenra idade, vestidos com roupas de homem, melenas sobre as orelhas, cara cheia de esterco, com luvas e botas altas do mesmo material. Roçam pelos nossos vestidos num suplicante «eu tenho fome, meu senhor». Caminham aos bandos para longe das suas moradias onde sabem que há fidalgos: «Ande, meu senhor, dê lá um tostão!»

AQUELES trapos repugnantes e desconsolados abrigam tendências, instintos, vícios, pensamentos — o rapaz inteiro à solta, ao qual, agora, se poderia dar facilmente a mão e, mais tarde, ninguém pode segurar. O tostão que se lhes dá, atrai mas não os modifica. Repelente e repellido, o nosso rapaz convence-se de que não presta para nada, não conhece nem acredita nos seus recursos espirituais, perde o respeito à sua pessoa e a consciência do seu valor. Se isto é verdade do rapaz, que dizer da rapariga ocupada na mesma vida? E eu vi tantas! Falei de muito pertininho com alguns destes inocentes; senti-lhes o coração a bater no peito e vi-lhes no olhar a fome de carinhos e de amor. Não lhes dei tostões. Nunca o fiz; jamais o farei. Enquanto tiver coração para amar a Criança e lágrimas para chorar o abandono que ela não merece, não puxo nunca pela saca dos tostões; nunca!

TÊM aparecido várias tentativas de solução ao magno e perigoso problema deste panorama social. Uma delas, a mais fácil, é assentar em que o nível de vida em Portugal é muito baixo e deixá-lo baixo; ou então, como agora é uso em algumas terras, levantar a Criança pobre em jardins suspensos; e depois deixá-la cair para ficar mais magoada. Oh que grande mentira social! A segunda

solução, que além de ser fácil é muitíssimo divertida, consiste em as senhoras, formadas em comissões, organizarem festas onde se come e bebe piedosamente a favor dos Párias (o cartaz diz pobres). A terceira, a mais prudente e a mais solene de todas, está em que certos senhores muito considerados, seriamente atrapalhados com a abundância de cabedais e com medo do Céu pardo, desatam a comprar à toa tudo quanto lhes aparece, por todo o preço, para salvar a vida aos seus ricos dinheiros. Insensato Mundo! Naufragar na abundância, em vez de nela, com ela e por ela salvar os que perecem à mífingua de pão!

AMADO leitor: Esta doutrina não é para o jornal; é para o terceiro volume do *Pão dos Pobres*. Os vindouros hão-de saber que nestas eras de revoluções passou no mundo um Padre revolucionário; o qual, se não tem até agora sacudido os vendilhões do templo, não é que não tenha coragem — é que o não deixam fazer. Não. Não há solução fora da Justiça! — fome e sede de Justiça no peito de cada mandante e no peito de cada mandado! Justiça igual à do Mestre, pedra de toque do Seu zelo, do Seu carácter, da Sua personalidade. «Tenho sede!»

CUIDAS tu, oh infeliz prudente, que pondo a recato os teus supra-haveres, salvas alguma coisa? Pois tu não compreendes que a Justiça de Deus não prescreve e, por isso mesmo, o rio de sangue humano e inocente que hoje corre aos teus pés, há-de necessariamente fertilizar, fecundar a Humanidade, a seu tempo? Ou cuidas, porventura, que fica tudo na mesma e tu posto em sossego, a colher o doce fruto da tua prudência?! Nunca ninguém te avisou que as tuas sobras são da Comunidade? Senhor de Infinita Justiça, Justo Juiz da minha hora derradeira, que eu tenha sempre zelo verdadeiro pela sorte dos meus Irmãos; que ninguém no mundo seja capaz de apagar, nem sequer mitigar a fome e sede de Justiça que me devora; que eu conheça, Senhor, para aborrecer os actos de injustiça do homem contra Vós, meu Deus; e livrai-me desse Mal, a mim!

D. Acillo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Festas

Setúbal

- 10 de Maio — 21,30 h., Teatro Luísa Tody, SETÚBAL.
 17 de Maio — 21,30 h., Sociedade Filarmónica Agrícola, PINHAL NOVO.
 23 de Maio — 21,30 h., Sociedade «Os Franceses», BARREIRO.
 25 de Maio — 16 h., Salão Paroquial, MONTIJO.
 31 de Maio — 21,30 h., Teatro Aveirense, AVEIRO.
 6 de Junho — 21,30 h., Sociedade Capricho Moitense, MOITA.
 7 de Junho — 21,30 h., Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.
 28 de Junho — 21,30 h., Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

Tojal

- 11 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, R. Camilo Castelo Branco, LISBOA.
 18 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão do Stela Maris em PENICHE.
 24 de Maio — Sábado, 15.30 h., Cine-Teatro de LOURES.
 29 de Maio — Corpo de Deus, Quinta-Feira, 15.30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de AZAMBUJA.

Miranda do Corvo

- 23 de Maio — 21,30 h., Salão da Associação, MIRANDA DO CORVO.
 24 de Maio — 21.30 h., Cine-Teatro, LOUSÃ.
 6 de Junho — 21.30 h., Cine-Teatro, COVILHÃ.
 7 de Junho — 21.30 h., FUNDÃO.
 8 de Junho — 15,30 h., Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.

Delinquência juvenil

Continuação da página 1

E quantos são os não-amados desde o ventre das mães?! E isso não é observável por quem tenha olhos de ver e profissão para tal?

A decadência da instituição familiar não é uma realidade reconhecível e reconhecida? Que se espera dos filhos e filhas de tantas famílias em que o desnaturamento e a desordem e a irresponsabilidade são a regra? Não é favorável ao domínio sobre qualquer doença o seu diagnóstico precoce?

Pois claro — e era o ponto de vista do jovem psiquiatra — que é nas causas que deve começar o combate aos efeitos. Perante o fenómeno crescente da delinquência, quem tem remédios na manga? Como perante um cancro já disseminado por todo o corpo, que pode a Medicina?

Fora a proposta do pedo-psiquiatra de medidas de saneamento das famílias e da salvaguarda, a tempo para ser eficaz, de tantas crianças mal amadas, ou nunca-amadas, que a continuarem no mesmo ser, serão prováveis futuros delinquentes — o programa rematou no vazio: a delinquência juvenil é um grave e preocupante problema... e pronto, pra semana há outro programa.

Entretanto o mundo dos adultos continua a atapetar de cascas de banana os caminhos que os jovens pisam. Altos interesses, as multinacionais da insanidade social passam, impávidas e serenas, na legalidade que compram ou impõem por forças obscuras que elas conhecem e têm: Redes de droga, de prostituição, de pedofilia, de sequestros, de jogos de azar, de pornografia... com «testas de ponte» em discotecas e lugares quejandos... Depois, a mocidade escorrega e cai. E muitos gritam, aflitos: — *Ai, a delinquência juvenil!*

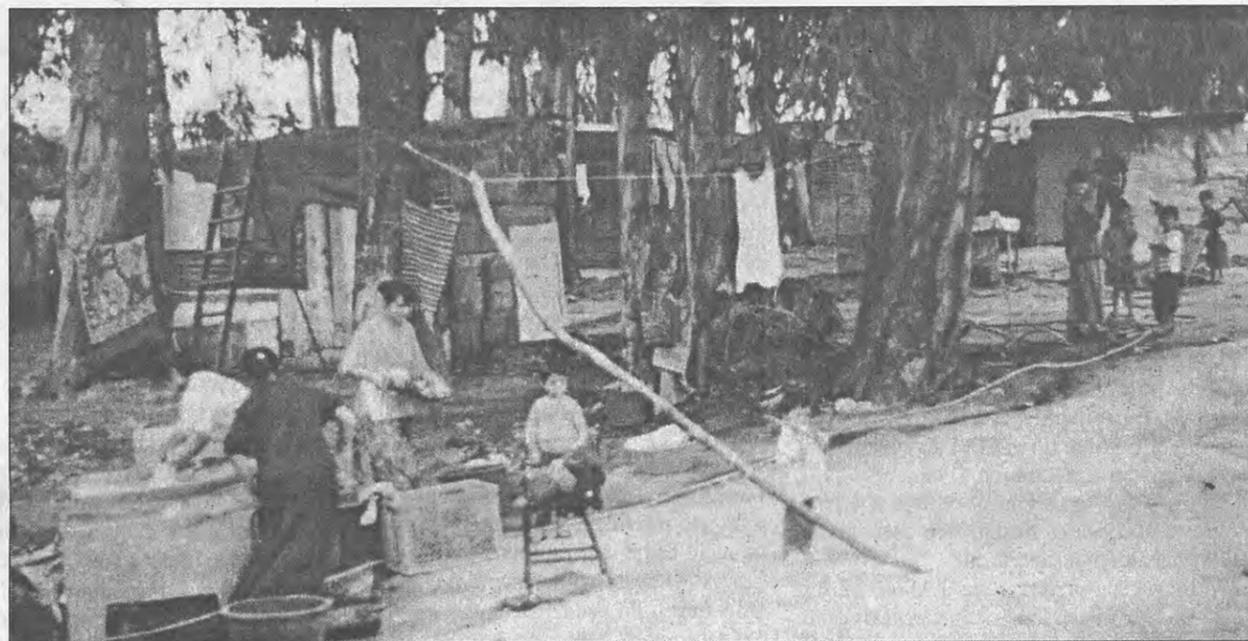
Hipócritas!

Padre Carlos

PENSAMENTO

Bem podias repartir dos teus anéis, em boa paz. Podias e devias; mas não queres. Por isso ficas sem eles e sem os dedos — em guerras!

PAI AMÉRICO



Património dos Pobres

Ainda há quem viva no abandono!

AS imagens publicadas nos jornais e transmitidas pela televisão há muito nos traziam perplexos. As barracas e casebres implantados nas ruelas e becos daquela zona da Cidade mostravam alguma verdade do viver daquela pobre gente. Custava-nos muito a acreditar que ainda há quem viva assim nesse abandono.

Há cerca de cinquenta anos, Pai Américo — que procurou amar e servir os Pobres e revelá-los ao mundo — inquietou e deixou escrito:

«Os Barredos são a condenação formal de uma civilização que se diz cristã e permite esta ignomínia. Noventa e nove por cento dos nossos Leitores morrem pelas notícias dos Barredos. Fazem delas a sua meditação. Por elas amam o seu semelhante. E por elas enriquecem, repartindo os seus dons. A área dos Barredos estende-se por muitas léguas.»

Estes «recados» de Pai Américo, transmitidos naquele tempo, em nossos dias têm um peso de grande verdade. Os jornais e a tele-

visão continuam a alertar para os Barredos do nosso tempo.

Alegrou-nos e animou-nos a notícia de que a Câmara da Cidade, pela boca do Presidente, vai realojar, destruir e edificar, três acções consideradas imprescindíveis para o bom êxito do combate aos gethos e às barracas. A próxima demolição, ainda neste trimestre, será de duzentas barracas em Aldoar. O Presidente da Câmara promete, até ao fim do mandato, «acabar com a chaga das barracas». Esperamos, até ver.

Visitámos aquela zona. Procurámos e encontrámos alguém que nos conduziu — e com grande conhecimento da situação. Perguntámos ao nosso cicerone se haveria na zona muitas barracas. Respondeu imediatamente:

— Há barracas por toda a parte! Mas o maior número está ao fundo daquela rua.

Dirigimo-nos para lá e encontrámos centenas delas, de tábuas velhas, latas ferugentas, papelões esburacados. Ruelas e becos estreitos em lama, lixo por todo o lado, água suja e mal-

cheirosa a correr em regui-tos por toda a parte. A cada canto havia excrementos. Na nossa vida nunca tínhamos visto tanta sujidade como ali.

Informaram-nos que estão à espera, para alojar, duzentas e vinte e três famílias.

Seguimos e, perto, encontrámos o «largo» conhecido de toda a gente. Centenas de pessoas adultas, homens e mulheres, estavam por ali a matar a tarde. Uns sentados na berma das ruas, outros de pé em amena conversa. Muitas crianças e adolescentes entretidos com jogos e brincadeiras. Era semana e hora de trabalho.

Toda aquela zona é muito pobre. Há imensas famílias

a viver em aflição e penúria total. Muitos desempregados ou com trabalho precário.

A droga domina. Há muitos consumidores e traficantes. O uso dela é público. Observamos polícias com cães, à procura.

A prostituição é praticada, com frequência, fora de portas. Na povoação não são conhecidas casas de tal cariz.

Mais uma vez chegámos ao fim convictos da doutrina de Pai Américo:

«Os Barredos são a condenação formal de uma civilização que se diz cristã e permite esta ignomínia.»

Padre Horácio

Distribuição do livro «Cantinho dos Rapazes»

É uma obra que Pai Américo destinou especialmente aos jovens.

Não cansa rever uma ou outra nota, publicadas n'O GAIATO, que reunimos em livro, cuja riqueza fascina quando o abrimos.

Pequenino retalho:

«Há dias, encontrei em Lisboa um que foi do nosso Lar de Coimbra. Bem instalado na vida, quis dar-me 500\$00 para a Obra da Rua. Conversámos e ficou assente que ele faria remessa directamente, com pedido de entrega ao rapaz que primeiro case. Assim se fez. Cumpriu. A carta dizia: 'É para o Simões que vai casar este ano'.

Antes quis assim: oferta de rapaz ao rapaz. Experimentou-se o zelo do amigo: é mais fácil entregar do que enviar. Ele enviou. Procurou o vale do correio. Preencheu. Escreveu a carta. Amou até ao fim.

Este rapaz fora condenado a pena maior, a qual foi cumprir em um Reformatório por ser de menor idade. Mas acontece que lhe chegou o limite de permanência antes de ter a pena cumprida. Que fez a lei? Mandou-o para uma cadeia. Que fiz eu? Fui lá buscá-lo.

Lembro-me como se tivera sido ontem! Apresentei-me na cela do condenado e as grilhetas caíram! (...)

Naquele tempo, foi uma graça de Deus sentirmos o caminho traçado para nós todos por Pai Américo, verbalmente ou por escrito, cujos seus dons proféticos davam ênfase à formação que ministrava.

Na hora que escrevemos mal teria chegado aos Leitores a breve notícia sobre a reedição do livro *Cantinho dos Rapazes*. No entanto, esperamos, que seja obra apeteçada no reino da Juventude, nas Escolas e nas Famílias.

Aguardamos as vossas requisições.

Júlio Mendes

Malanje

Continuação da página 1

Caminho doloroso do pão...

Todos os dias, entre a cidade e a mata de eucaliptos, passo por magotes de pessoas a caminho da lenha, única fonte que lhes dá acesso à ceia! Triste realidade... Sem uma palavra, sem um gemido, em filas com seus feixes à cabeça. É um grande grupo na cidade — no caminho doloroso do pão...

Nas sanzalas, é tudo mais fácil. Embora casas de capim sem possibilidades de chapas, a terra é pródiga para os que plantam. Há sempre um rio ou uma fonte que dá alegria e mata a sede.

Educar

Sempre que entra um menino em nossa Casa fico sonhando com uma Casa do Gaiato mais próxima dos seus costumes e hábitos, onde o salto para a «nossa civilização?» fosse mais gradual.

No tempo da guerra tivemos uma camarata de luan-dos. Todos a queriam...

Educar para hábitos bons, em vez de — à partida — os impor. Educar por salto não é bom.

As fogueirinhas clandestinas onde, numa lata, se coze a espiga de milho são para eles uma suma alegria que vem do leite materno...

Muito bom se formos capazes de partir desse leite.

Padre Telmo